

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Janeiro de 2024 - Nº 619

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

(REY QUEXOTO) ENTRE PARENTES

DURVAL TAVARES

Ciao.

Não será dado nomes aos bois, melhor, a muitos dos personagens. Se tiveram interesse em conhecer vasta quantidade de nomes italianos, portugueses, espanhóis etc., bem como conhecer parte de suas histórias, a participação de cada um na construção de uma cidade, por exemplo, recomendando a leitura do livro "Floresta Floreal" de Gilson Marques, no qual o autor dá um show de descrição e de detalhes, como eu nunca tinha lido, fazendo jus aos brilhantes comentários do amigo Genghini, neste Jornal de Monte Sião. Uma segunda opção seria recorrer ao Google, mas certamente sem a emoção contida no livro. Agora somente daremos nomes aos mais próximos familiares do Rey Quexoto. Abriremos um enorme parêntese para mostrar um pouco do Rey Quexoto entre parentes. Sobre reunião de Natal em família, que tal "I film italiani da non perdere:

Parenti Serpenti, de Mario Monicelli?" Ou seria melhor devorar um spaghetti al dente? Contento, ou não, veja o pouco que se sabe do (R.Q.) Entre Parentes.

(Sempre que se aproximava o Natal, a casa do R.Q. recebia parentes de todo grau. Grau por aproximação - avós, tios, sobrinhos, cunhados, agregados. Grau por qualificação - inteligência, esperteza, inocência etc. Grau por degradação - sempre tem um ou outro espertalhão que quer tirar proveito de qualquer situação. Era sempre um vai-e-vem sem fim. Nem tudo era bom, nem tudo era ruim. Porém, todos sabem, onde tem um mundaréu de gente nem tudo são flores. O bom da história é que com tantos italianos reunidos, o que se via, também, era um show de sabores. Saponi d'Italia! De todo modo, se os donos da casa, Sr. Massimo e Dona Bárbara não se incomodavam é porque até certo ponto do que se via gostavam ou já estavam acostumados. E gostavam mesmo de receber

parentes distantes, parentes que se alojaram em outras Manguás da vida, que, por escolhas diversas, se instalaram em outros destinos, especialmente porque nem todos chegaram ao país no mesmo navio e, se chegaram, não tiveram muita sorte e perderam um pouco o norte, o que era forte num povo que chegava sem bem saber aonde pisava. O certo é que, aos poucos foram se localizando e já sabiam onde seria o ponto de encontro no Natal: a casa do Massimo e da Barbara, em Manguá. R.Q. tinha, nessa época do ano, contato com pessoas de quem pouco ouvira falar. Tios, tias e primos de todo canto. E sua casa virava um alojamento. Ainda bem que não era tão pequena assim e todos se ajeitavam como podiam, porque hotel em Manguá, naqueles tempos remotos, nem pensar. Outras casas estavam prontas para abrigar tantos, como a dos Nonni Parmiro e Ema, a casa do Zio Niba, da Zia Jandira, e outras mais. Tinha espaço que não acabava

mais, mas dizer que viviam aqueles dias em perfeita harmonia é muita hipocrisia. R.Q. era convidado a sair de sua stanza e se juntar aos primos em algum espaço da sala, da varanda, onde tivesse lugar. Felizmente era só pra dormir, porque i bambini não parava na casa e vivia a correr pelos terreiros, praça e, para R.Q., de preferência, longe do Rio Tamanduá. Nas casas, além dos espaços apertados que deixavam um ou outro aflito, tinha o conflito de opiniões, especialmente sobre os motivos que os trouxeram da Itália para cá. Não deveria ser pelo bem-estar? Não deveria ser por paz em família? Não deveria ser por melhor moradia? Não deveria ... (cada um pense o que bem quiser)? E quando entravam em discussões sobre as famílias? Nem se deve escrever, porque a terra há de tremer. E a italianada falava algumas palavras que o R.Q. só conseguia entender porque era descendente, mas nem todas as ditas eram benditas ou malditas, e nem

sempre R.Q. ficava contente. Em certos momentos, a palavra mais suave que se ouvia era "Cazzo". De todo modo, aquela situação era esperada, os familiares eram esperados, muitos já velhos conhecidos, outros só velhos, de sorte que não haveria motivo para corte no tecido social da família. O melhor de tudo é que eram festeiros, especialmente ao sabor (ou teor) de alguma aguardente produzida em Manguá ou adjacências. Em Manguá, Seu Massimo já havia iniciado a produção de aguardente, e de forma incipiente utilizava a cana de sua lavra. Também tinha o hábito de buscar na cidade de Jundiá, cliente que se tornava a Adega Belesso, vinhos brancos, tintos e rosés, largamente consumidos pelos moradores de Manguá. Mas, parentes também traziam seus vinhos prediletos, o que certamente só fazia bem, desde que consumidos com certa moderação, o que seria esperar demais de alguns visitantes. Afinal, Natal é Natal. Natale, Nata-

le. Buon Natale a tutti!

Com tudo isso, a tarantella corria solta ao som de Funiculi, Funiculá. Champagne a embriagar cada um dos presentes. Mas se ouvia também Io Che Amo Solo Te, Roberta, Il Mondo e muito mais. Mas a que era cantada por todos, sem exceção, até pelo quexotinho e priminhos, num coral de passarinhos: Volare, de Domenico Modugno: "Volare, oh,oh/Cantare, oh,oh,oh,Nel blu dipinto di blu/Felice di stare lassù"... Outras se seguiam e Merica-Merica era muito cantada pela Nonna Ema, com sua voz de sirriema ... Merica, Merica, Merica/cossa saràio 'sta Merica?/Merica, Merica, Merica/un bel mazzolin di fior.... E emendava com Quel mazzolin di fiori/Che vien dalla montagna/Quel mazzolin di fiori/ Che vien dalla montagna/E bada bem che non si bagna/Che lo voglio regalare.... Só paravam quando chegava a "ora di mangiare". O melhor momento para R.Q. entre os parentes).

CRÔNICAS DA MINHA GENTE AS ABELHAS DE NHÔ JOÃO

IVAN

Meu avô possuía muitos predicados e um caixão de abelhas. Também era sábio. Tão sábio que dizia com exatidão com quantos paus se fazia e se faz uma canoa das antigas. Dizia, sem piscar, pigarrear ou gaguejar - sintomas da sua vasta erudição - que não admitia estes subterfúgios para enganar incautos e esconder a pouca instrução de quem os usa.

O caixão de abelhas ele próprio o fez, com tábuas grossas, a tampa parafusada para ser aberta quando necessário. Num canto da parte inferior furou um único buraco (orifício, explicava ele; eta, cultura!) por onde as abelhas entravam e saíam. O caixão ficou sob o beiral da "casinha de fora", desde o meu nascimento até quando perdi a vergonha, ou pouco mais, quando meus olhos se degeneraram, passando a espreitar espécimes maiores que as abelhas.

Mandaçaia era o nome dos bichinhos que, além de fazerem cera e mel, deviam ser também costureiros, com entrega em domicílio. As mandaçaia eram dóceis e inofensivas. Jamais picaram alguém da nossa família. E muito disciplinadas. Como ficavam planando por volta do caixão, aguardando a sua vez de entrar, minha mãe, sempre ativa e prática, aumentou o diâmetro do buraco para dar acesso a duas abelhas ao mesmo tempo. No dia seguinte, o buraco estava retificado com barro, voltando a ter

o mesmo calibre anterior, por onde passava apenas uma abelha de igual ou menor tamanho que as da colmeia. Qualquer estranho que conseguisse passar pela porta exígua seria trucidado, portanto. Já, com abertura maior, um invasor superaria facilmente os moradores menores.

Na porta sempre permanecia uma sentinela que se afastava toda vez que chegava uma operária baldeando néctar. Fazia o mesmo quando outra queria sair com os ferrões vazios. Nunca pudemos saber se as sentinelas trabalhavam em período integral, pois as mandaçaia são parecidíssimas e não portavam o necessário RG para que pudéssemos identificá-las. Mas é de se acreditar que havia troca de guarda porque, embora a rainha comesse o zangão depois de comida, era zelosa com o bem-estar da colmeia. Fazendo-se algum esforço, podia-se ouvir um zumbido coletivo que traduzíamos como hino para anunciar a substituição da vigilante.

Na época das chuvas e de pouco néctar, o caixão ficava encharcado, a umidade passava para dentro. Era comum ver as abelhas trazendo gotas de água no ferrão e lançá-las no chão pelo buraco. Só não entendia como as abelhas conseguiam fazer da água escorrendo uma bolinha e carregá-la sem desmanchá-la e nem esparramar.

Quando a época era oportuna, meu avô batia com o cabo do canivete no fundo do caixão e as abelhas o abandonavam - detestavam barulho

- prevenido a colheita do mel. Ficavam algum tempo sobrevoando nossas cabeças e depois partiam para as proximidades, aguardando pela hora do retorno à casa sob o beiral, cientes de que tudo acabaria bem, como sempre. Nesse ponto é que eu revelava toda minha ansiedade, esfregando as mãos, mordendo os beiços e sapateando no mesmo lugar. Ao retirar a tampa, completamente calafetada com cera pelas abelhas para impedir a invasão de outros insetos e a entrada de água, meus olhos relampejavam ante as bolas, como as de pingue-pongue, todas repletas de mel. Estavam coladas umas às outras como se fossem bolhas de sabão de um único floco, tomando a maior parte do caixão, porém sem se comunicarem entre si. Cada bola continha seu próprio mel, de forma que se podia perfurar uma só e retirar o conteúdo, deixando o restante para que as abelhas alimentassem suas larvas. Então é que vinha a gostosura. Meu avô, que vocês já estão inteirados do seu notório saber, cortava feixes de capim gorduroso, do mais grosso, e fazia deles canudos de beber guaraná, que não havia ainda os de plástico. Com o próprio canudinho eu furava a bolota de mel, e sugava Deus, os santos, anjos, as nuvens brancas de estio e lá vai pedrada. O mel não descia - escorria. Escorria lentamente como só o mel sabe fazer, com o freio de mão puxado. Escorria vagarosamente, adoçando tudo quanto é caminho interno do corpo - o bucho, e as tripas gemiam

de satisfação. Na rasteira do corgo açucarado, as impurezas que eu portava eram, já, naquele tempo, recicladas pela doçura intensa e transformadas em beiços de mãe, braços de avós e palavras de companheiros de pesca.

Meu avô era solidário e compreensivo comigo. Ele também escolhia sua bola e ficávamos, os dois, com as cabeças bem juntas, relançando até (que é outra fonte de mel), para que sorvêssemos as bolotas contíguas. A proporção era de 3x1, três para mim, uma para ele e, mesmo assim, ele festejava: empatamos. Quando eu principiava a ficar melado, suando açúcar, cheirando a doce e cuspiendo rapadura, o nonno devolvia o mel consumido em igual peso de açúcar, facilitando o trabalho das abelhas e deixando o restante das bolotas para a colmeia. Fechava-se o caixão, recolocando-o sob o seu beiral. As abelhas voltavam para casa e para o trabalho, aparentemente satisfeitas, pois jamais reclamaram da nossa profanação nem revidaram com ferroadas. Pode ser, talvez, enorme bobagem minha, porém, fosse me dado o poder de voltar à infância, creio que não trocava o meu caixão de abelhas por qualquer maqui-donalde indigesto, pois que a este faltam a doçura e o avô; isto é, tudo.

Mas, voltando ao nonno, houve uma vez em que me desafeto, ou tornou-se a partir desse dia, dirigiu-se a ele, perguntando: "Não é que o nhô João cria bespas?". De agachado que estava chupando o canudinho, o nonno se levantou lentamente para coar a fúria e suspendeu as calças ao nível do umbigo. Preparando o bote letal, sorriu com desprezo para o estafermo:

- Sou é apicultor. Api vem do croata e cultor do eslavo. Em seguida, indulgente e educado como sempre foi, vociferou:

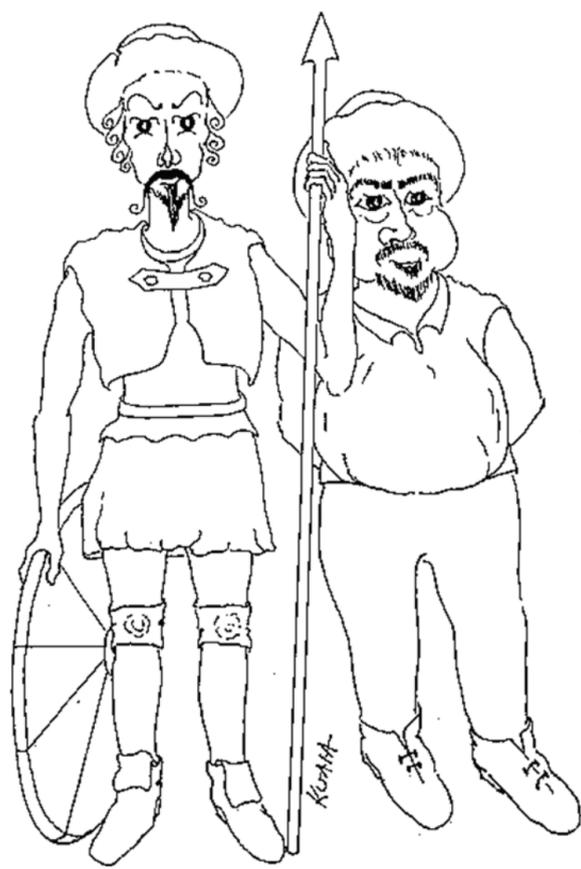
"Criador de bespa, uma couve. Só se for sua estragada avó".

Foi, então, que ingenuamente e sem perceber que o avô tentara, e conseguira, ludibriar o infeliz com a potência da sua voz e o pretensão conhecimento de sufixos e prefixos exóticos, argumentei: - Mas, nonno, minha fessora disse que esse negócio de apicultor é coisa de grego.

Foi demais. Não suportando a minha insolência, explodiu, sustentado em seus conhecimentos etimológicos, de dimensões amazônicas: "POIS É TUDO A MESMA MERDA". E não mais se tocou no assunto. Só depois de cinco dias, tempo suficiente para nos esquecermos das abelhas, o avô me convidou

para irmos à sua chácara e vermos umas laranjas que amadureciam. Frutas cítricas, disse. Eu permaneci calado, pois ainda tinha esperanças de que um dia ele me levasse para conhecer a Grécia e seus prefixos, e que não deveria estar longe, perto de Serra Negra, quando muito. Ainda não fomos, mesmo porque o nonno partiu como as abelhas do caixão. Só que não mais voltou, mas me legou todo o mel. Só para mim.

Crônicas da Minha Gente - seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.



- DOM, O QUE NOS ESPERA ESTE ANO?
- UMA GRANDE AVENTURA, SAM.

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 63

ISMAEL RIELI

Com teimosia se alcança
O que a tua ilusão promete
Porque, teimando, a esperança.

Não deixa um sonho morrer...
Descascar e Debulhar Milho

Quando o tambor, daqueles grandes, ia se esvaziando com o milho acabando, era a hora de convidar a Maria do Serafim e os filhos para um "sarau" de debulhação.

A tropa era grande: cavalos e éguas de sela e de charrete: Ronda, Boneca, Piraju, Navalha, Caninha, Lambari.

Nossa lavoura branca era boa e as espigas de milho eram armazenadas na tulha, no fundo do vasto terreiro.

No dia de debulhação, jacás e mais jacás de espigas eram transportadas pra vasta cozinha de chão batido: uma montanha no canto da cozinha. Havia os descascadores que enfrentavam o "juçá" e os debulhadores sentados em banquinhos na frente de bacias nas disputas pelas espigas mais moles, menos rijas. Com um sabugo fino a gente rodopiava as espigas e as bagas caíam aos montes. Havia disputas pra ver quem enchia primeiro as bacias. Ivã do Tio Lourenço, que vinha de Monte Sião, passar as férias em casa, quase sempre ganhava, só que ele cobria as espigas com o milho debulhado. No outro dia mexendo o tamborão encontravam - se muitas espigas não debulhadas que eram dadas aos porcos que os rodavam na boca deixando só o sabugo.

O milho debulhado alimentava as galinhas, de manhã. Minha mãe jogava punhados e mais punhados de milho no terreiro da cozinha, chamando as galinhas: kit, kit, kit, kit. Com vãos curtos elas apareciam de todos os lados.

Maria do Serafim ficava na descasca e separava as palhas mais macias para Pedro Rielli confeccionar seus cigarros.

A todos ela nos encantava com mirabolantes causos acontecidos na terra de onde viera: a Fazenda Colomi de Lalau Vergueiro: cobras enormes, assombração, tocaias, enchentes, redemoinhos. Às vezes ela repetia os causos dando-lhes desfechos diferentes. Lembro bem do caso de uma cobra de mais de meio metro de altura: um toco curto, mas depois virava uma cobra comprida que derrubava as pedras por onde passava.

Mas a senhora não disse que ela era grossa e curta?

Vai ver que só vi um pedaço dela no meio do mato. Como eram saborosas as histórias da Dona Maria! Quanta saudade!

O fogãozinho a lenha era capitaneado pela Dona Helena que preparava bules de café, pipoca e às vezes até quentão para animar a turma. Luz elétrica não havia. Só lamparinas.

Oh tempora! Oh mores!
Hoje enormes colheiteiras avançam pelo milharal e vão deixando pelo caminho as sacas de milho com o peso certinho.

Todo ano, na época do milho verde, dia inteiro os mesmos vizinhos queridos descascavam e ralavam milho para a confecção de deliciosos curaus e pamonhas.

Esses mutirões persistem, ainda hoje, por aqui e alhures.

X X X
O Que, é o que é?

1 - Que tem o poder de virar a cabeça dos homens?

2 - Ninguém quer ter, mas quem tem não quer perder?

3 - O que está sempre na sua frente e você não vê?

4 - Que sustenta a mulher a vida inteira?

5 - Cura cobra, mata cobra...

6 - Vive casando mas continua solteiro?

7 - Fica cheio de dia e vazio de noite?

8 - Com a cabeça fica mais baixo, sem a cabeça fica mais alto?

9 - Quando está sentado fica mais alto do que quando

está em pé?

10 - Só se pode usar depois de quebrado?

11 - Que nasce grande e morre pequeno?

12 - Que quanto mais cresce mais baixo fica?

13 - Que quando vamos tem um nome e quando voltamos tem outro?

14 - Que só trabalha se lhe batem na cabeça?

15 - Que quando está deitado está em pé e quando está em pé está deitado?

Teimando em lutar na vida,

A minha alma não se cansa

E, cada vez que é vencida,

Corre atrás de outra esperança.

Gastronomia e Iguarias

Como Zeca Pagodinho, já ouvi falar em caviar e as palavras cruzadas me ensinaram que ele é feito de ovos de Esturjão, lá do Irã, mas não sei e talvez nunca saberei que sabor tem, se justifica a fama de que desfruta.

Já o Fois Gras, patê de fígado de ganso, iguaria francesa, muito famosa experimentei recentemente. Uma vizinha de minha filha, no Rio, trouxe-lhe um potinho hermeticamente fechado desse renomado patê. Tem gosto de cabo de guarda chuva.

Na Itália experimentei trufas que meus primos campeavam nos bosques.

*trufa, uma iguaria divina que custa a bagatela de 24 mil reais o quilo. Vou encomendar 2 quilos pra semana santa, que vem aí.

Gastronomia Regional

Recomendamos:

Restaurante Japonês ken-zuuy em Amparo.

Pirâmide de Frutos do Mar em Arcadas

Restaurante do Lago - Peixadas em Pedreira

Casa Bela Einsbein em Holambra.

Old Dutch, Martin Holandesa, Lago do Holandês, em holambra

Restaurante Estância em frente à CPFL em Campinas

- uma enorme diversidade de comida.

Rodizio de Peixes, Restaurante Jangada em Mogi Guaçu.

Lanches Gourmet em Lindóia, dizem que é muito bom.

Tijoleiros em Jacutinga, onde fui comemorar bodas de ouro, comida mineira.

Cantina Schiavo em Serra Negra, ainda não conheço, mas dizem que é ótima.

Canja do Hotel da Vinci em Serra Negra.

Pizzaria Dom Paolo em Ouro Fino.

Sanduíche Psicodélico no Tradição em Águas de Lindóia.

Salsicha Branca no Marrocos em Águas de Lindóia.

Torresmo, feijoada leve, ambiente bucólico - Nefelibatás Águas de Lindóia.

Giovanetti Campinas.

O matuto Campinas.

X X X

Muito preocupantes e assustadoras as previsões do filósofo Leonardo Boff (muito mais de cem livros publicados) no seu último livro, recém lançado - Terra Madura - uma teologia da vida.

Nas páginas 20 e 21 nos deparamos com uma afirmação tenebrosa:

Lovelock é contundente:

"Até o fim do século, 80% da população humana desaparecerá. Os 20% restantes vão viver no Ártico e em alguns poucos oásis em outros continentes, onde as temperaturas forem mais baixas e houver um pouco de chuva... quase todo território brasileiro será demasiadamente quente e seco para ser habitado".

Não só os cientistas. O próprio Papa Francisco, em sua alocução na 75ª Assembleia Geral da ONU, no dia 25 de setembro de 2020, advertiu por duas vezes sobre a eventualidade do desaparecimento da vida humana como consequência da irresponsabilidade em nosso trato com a mãe terra e com a natureza superexplorada.

A abismal discrepância entre ricos e pobres é abordada na página 44.

Os níveis de pobreza mundial são estarrecedores.

A OXFAM, uma das maiores ONGs do mundo, que anualmente mede os níveis de desigualdade social, concluiu recentemente: "se considerarmos a fortuna pessoal dos 36 indivíduos mais ricos do mundo, ela é igual a renda dos 4,7 bilhões de pessoas mais pobres da humanidade.

A cada cinco segundos, uma criança com menos de dez anos morre de fome ou de suas consequências imediatas". No Brasil, com aproximadamente 203 milhões de habitantes, os seis maiores bilionários detêm a mesma riqueza que 100 milhões de brasileiros mais pobres.

Portuga Roubado

Depois de vários anos, o Joaquim conseguiu juntar um dinheirinho para montar a sua venda. Poucas semanas após a inauguração ele é assaltado e os ladrões levaram toda a mercadoria.

Ao saber do ocorrido, o amigo Manuel tenta consolá-lo:

- Levaste um tremendo prejuízo, hein, Joaquim?

- É verdade! Mas por pouco não tomo um prejuízo bem maior!

- Como assim?

- Eu ia remarcar os preços justamente aquela noite!

Envelheço e, dia a dia,

Meus cabelos embranquecem...

Mas, n'alma, com teimosia,

Meus sonhos nunca envelhecem!

Canito's

Com tanto índio pelado em volta, foi difícil pro Frei Henrique de Coimbra se concentrar e rezar a Primeira Missa.

Sou um cara muito velho.

Sou do tempo em que se saía alfabetizado da faculdade.

Eu queria ver Jesus fazer o milagre da multiplicação dos peixes às margens do Rio Pinheiros.

Platão na infância chamava-se Platinho.

Como dizia Sócrates a seus discípulos: - ser que es-

tou falando Grego?

Encontraram-se o pessimista e o otimista.

- A situação tá preta.

- Que bela cor!

Nada como dormir um pouco depois do almoço. De preferência, das duas até às cinco da tarde.

Se o cavalo corre bem em pista molhada, bobagem tirá-lo da chuva.

Claro que a vida é possível em outros planetas, se até na Terra é.

Os burocratas quando morrem vão pro arquivo morto.

Ironia: passou a noite em claro pra por o trabalho em dia.

Perdeu a perna esquerda num desastre. Mas era um ótimo otimista: - que bom, agora vou levantar sempre com o pé direito.

Recebo a conta da tinturaria e convenho: não tenho dúvida, roupa suja é melhor mesmo lavar em casa.

O mágico comilão tirou um coelho assado da cartola.

A virtude é bela. Mas certos vícios são muitos simpáticos.

Às vezes acontece o pior: o café frio é servido numa xícara quente.

Nos bares do faroeste, os fregueses sempre acabavam levando o troco em balas.

Uma sardinha com veleidades: queria uma lata só pra ela.

Os dez mandamentos eram pra ser vinte, mas Moisés pechinhou e conseguiu um desconto de 50%.

Já disse, mas não custa dizer outra vez: a melhor visita é a que nos dá o prazer de sua rapidez.

Respostas do o que é o que é?

1 - O pescoço

2 - Uma cabeça careca

3 - Seu nariz

4 - Os pés

5 - Médico

6 - Padre

7 - Sapato

8 - Travesseiro

9 - Cachorro

10 - Ovo

11 - Lápis

12 - Rabo de cavalo

13 - Subida e descida

14 - Prego

15 - O pé da gente.

MEU SAUDOSO CAVALO BAILO - O MEU PRIMEIRO CAVALO.

MARCELO LABIGALINI

Quando transcorriam os tempos no meu reino encantado - a minha saudosa infância -, papai tinha uma propriedade no Bairro da Mococa, que ele comprou com (sua parte) em uma baíta safra de café de sua lavoura no, também saudoso, Sítio Cachoeirinha no bairro Virtuosa, ambos na querida Monte Sião MG. Nesta chácara, ele engordava uma porcada, em parceria com o finado Sr. Joaquim da Silva, um homem muito arrojado e trabalhador, pai dos meus amigos Tita, Rose e Barreto.

Aos fins de semana, sempre ficávamos nesta chácara. Eu devia ter uns 7-8 anos e ficava de olho na porteira, logo de manhã, aguardando a chegada do Sr. Joaquim, pilotando sua bagageira lotada de trato para a porcada, e quem a tracionava era um lindo, mas pôe lindo nisso, um ainda "potrancão" cavalo baiolo. Ele era mestiço Campolina com Quarto-de-Milha, famosa pelagem rara, "Baio cabo-negro" ou "Buck-skin (pele de pulador)" para os americanos.

A crina, o rabo e o calçado, as 4 patas, eram pretos. Pra minha inocência de criança apaixonada por cavalos, era uma fábula aquele animal, mas creio que ninguém sabia disso e eu nunca comentava em casa com ninguém.

Certa manhã, Sr. Joaquim chegou por lá, tratou dos bichos e desarreou o potranco, em frente da casa, deixando-o pastar na grama Boiadeira, ainda molhada pelo sereno, do frio do mês de agosto, pois eram férias da escola, e nós estávamos firmes por lá.

Enquanto Sr. Joaquim proseava com o papai e a mamãe lá dentro da casa, e tomavam café, fui ao encontro do potranco, que, ressabiado pastava "tranquilo". Então, fui chegando de mansinho, alisei o Baio e, páaa!..., ganhei o lombo do Bicho! Creio que foi a maior emoção da minha vida, montar sozinho no Baio! Ele deu um carreirão, pisou no cabo do cabresto e logo parou!

Quando perceberam minha façanha, já passavam alguns minutos que eu estava no lombo do Bicho. Daí a porca torceu o rabo! Minha mãe, me obrigou descer

do cavalo, quase me arrancou as orelhas, meu pai bravo que nem um cão e o Sr. Joaquim "baio" de medo de acontecer o pior, pois o bicho era manso com ele, mas ainda estava em aprendizado de doma.

Me lembro que naquela semana fiquei até meio constipado só pensando no matungo, enquanto, ansioso, esperava pelo próximo final de semana. Até que chegou o grande dia (que o tribunal deu o veredito) de embarcar para a Mococa. E, dessa vez eu tinha um plano. Esperei Sr. Joaquim cumprir com as obrigações e pedi pra me puxar um pouco montado no cavalo, e assim fizemos. Quando eles partiram, despenquei a chorar e constipei-me mais ainda!

No outro dia, logo de manhã, fiz o mesmo plano e ofertei pra ele de possuir (comprar) o Baio! Ele deu risada e disse que conversaria com o meu pai, então, minha constipação até que melhorou! Assim aconteceu, porque na outra manhã o Sr. Joaquim chegou por lá trazendo seu filho montado em outro animal preto e eu logo desconfieci. Soltando o

cavalo na grama, mais uma vez, cheguei por lá. O papai e a mamãe vieram atrás e me disseram: - O Baião é seu Marcelinho!!!

Eu beijava, chorava e abraçava aquele animal como se fosse meu melhor amigo, e assim o fomos por uns 10 anos. No outro dia o Belo e seu irmão Faé (filhos do finado Nerso Migué) fizeram o casco dele, ferraram-no e o trouxeram para o Sítio na Virtuosa pra ficar sob os cuidados do, também saudoso, Tio Mário Taveira, que cuidava de tudo por lá, com sua família e seu filho Mauro Taveira (famoso Balico), que eram os meeiros da lavoura.

Não tem como descrever aqui, as lições com este e tantos outros animais que já tive. Sinceramente, e com maior respeito às crenças, até hoje eu oro a Deus, agradeço e também peço perdão, pelos cavalos que tive, eles são partes da minha essência e missão e sou muito grato a eles por todo sacrifício e aprendizado que é zelar de um animal ou de uma tropa. Mesmo que com pouco recurso e tempo, sempre me doe pelos meus animais e os de

outras pessoas, também! É isso que se leva dessa vida, as lembranças, a saudade e as superações.

Me lembro das tantas e tantas cavalgadas de férias, partindo do morro do Chiquinho, eu, Breninho Dorta, Rubinho da Isa, Misael, Dimdim, Felipe Bernardi, Priminho e o Raulzinho Mathias, sumindo no mundo com a tropa

e indo pescar no tancão do Acácio Dorta, sempre sob os cuidados do Brenão, (que sempre me emprestava a sua traia americana) e conferia os arreamentos de um por um. Que fortuna!!! "As fotos e tralhas, foram destruídas nos percalços da evolução, porém as coisas mais incríveis dessa vida acontecem muito antes de pensarmos em desistir...".

GOIABEIRA

O jatobá é testemunha,

a quaresmeira viu,

a jabuticabeira também.

Tive que decidir por ti,

goiabeira branca,

infelizmente.

Yoshiharu Endo

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)

Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar Engº Mecânico Automotivístico

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M. Sião - O. Fino - (35) 3465 1355 - 9 9114 9447

QUANDO COMEÇAM AS AULAS?

VALDO RESENDE

Considero uma boa sorte ter ido para a escola aos sete anos. Os anos antecedentes me permitiram acordar com a casa em atividade, na cama chegando os sons e cheiros da cozinha, entremeados pelas vozes e canções vindas do rádio. Então caçula, dividia as manhãs com meus pais, os irmãos todos já estudando.

Mamãe tinha modo peculiar de me acordar, regulando o horário pelas novelas do rádio: "Cidinho! A novela das 10h já vai começar!" Acordar cedo, bem cedinho, só quando havia brinquedo novo, invariavelmente feito pelas mãos de meu pai. Papai, com espírito de professor Pardal, criava brinquedos. Guardo com precisão o olhar brilhante dele, satisfeito, vendo-me brincar com cada novidade.

Final da manhã voltavam da escola meu irmão

mais velho mais as minhas três irmãs. A casa cheia, barulhenta, viva de atividades corriqueiras só quebradas no tempo de férias. Terminadas essas, começavam os preparativos para a escola. Uniformes, bolsas e mochilas, cadernos e livros. Um universo que precisei esperar para participar, o que veio a ocorrer só aos sete anos. Não tinha ideia do que eram férias, pois a vida era feita de tempo livre, visitas aos parentes, aos meus avós e viagens ocasionais. Única diferença era, nas férias, todos fazerem tudo juntos.

A rotina restaurada com o início do ano, em dia determinado e munida de listas enormes mamãe ia às compras. Voltava com um tesouro enorme, feito de canetas azuis e vermelhas, caixas de lápis de cor, compassos, esquadros, apontadores, cadernos de desenho e livros, muitos livros. Nada para o caçula

que, com olhar invejoso, queria um caderno pra rabisicar, lápis coloridos para brincar. Ato contínuo, era de mamãe a tarefa de encapar os cadernos. Alguns com papel pardo, identificados em seguida pela letra de minha mãe, bonita e caprichada. Outros eram recobertos com plástico azul, transparente, bonitos de aumentar a inveja do caçula.

A escola era local cheio de histórias e aventuras. Surgiram nomes de professoras, primeiros amigos e desafetos dos irmãos. E os nomes das escolas iniciais: Guerra Junqueiro, Juscelino Kubitschek. Hoje me pergunto a razão para nomear uma escola no interior mineiro com o nome do poeta português... Vai saber! Juscelino era nome quase familiar. Em casa de mineiro era comum encontrar nas paredes retratos do governador, do presidente, todo pimpão e engalanado.

Desejei muito ir para a escola. Achava meu irmão muito bonito com seu uniforme, e queria uma pasta, de couro, com alça e fechos metálicos. Gostava dos casos trazidos por minhas irmãs e, único medo, receava ter que tomar vacina, já que eram dez agulhadas no braço da criança que voltava cheia de lágrimas para casa. Ansioso, antes da escola rabisquei a primeira palavra no chão do quintal: Bino! E, foi assim que, aguardando com muita vontade, o dia chegou.

Os tempos são outros, as necessidades estão aí; as exigências de um mercado que absorveu pai e mãe também são realidade. Há um bom tempo que as crianças são colocadas, ainda bebês, em creches, pré-escolas. Nas grandes cidades os quintais são espaços de gente abastada. A escola, aquele lugar do sonho das crianças do meu tempo, não existe mais. Pa-

rece que o prazer de aprender e fazer parte da escola foi substituído pela ânsia em formar, preparar para o mundo, garantir o futuro. Estar apto para concorrer!

Hoje sou capaz de perceber o quanto aprendi antes da pré-escola. Poderia enumerar as atividades domésticas, plenas em aprendizado obtido na vivência, na observação. Por aqui, quero registrar exemplos de quando, ao lado do meu avô descobri o prazer de cultivar horta, cuidar de parreira, descobrir a origem do café comendo a fruta vermelha, porque madura, tirada do pé, muito doce e saborosa. Vi na oficina, papai criando dobradiças para porteiros, construindo portões para quintais e jardins, produzindo ferraduras e colocando-as nos cavalos, pacientes, bem ali no nosso quintal. Via com curiosidade a criação de porcos e galinhas, e recordei festas no

trabalho conjunto de meus pais e vizinhos, quando um imenso porco era transformado em banha, linguiças e outros derivados do porquinho.

Mais que aprender por observação sobre as etapas de uma "pamonhada", ou do trivial arroz com feijão, a faxina da casa, a organização de armários, a maior dádiva de estar em casa foi o convívio com meus pais, minha família. Convivência! Essa necessidade humana de estar e viver preferencialmente em harmonia. Até onde a pré-escola consegue resolver a questão da harmonia em convivência forçada é outra história. Creio que o maior desafio seja tornar a escola um lugar de desejo, esse mesmo desejo que nos leva a amar e valorizar as etapas e conquistas das nossas vidas.

Bom início de aulas para alunos e professores!

ITALIANOS EM MONTE SIÃO

Ao ler o jornal Monte Sião Sobrenomes de italianos são notados Que fazem parte deste sagrado torrão E devem sempre ser reverenciados

Encontramos entre tantos os Labigalini Zucato Cirioni Daldosso Vedovolo Temos também os Bernardi e os Genghini De Nez Grossi Bossi e Cetolo

Estão por aqui Fiori Necão e Guirelli Cá também estão Biscuola e os Bassi Os Pennachi Pocai e Caroli E também não se esquecendo dos Corsi

Os Brichiliari faz parte da italianada Que ao lado de Pepe e Brecia mais o Magioli Somando também o Comparin gente estimada Juntamente com os Gotardelo se compraz com os Pioli

Temos entre eles a turma do Dizeró família formada Os Odininio Massa Canella e Benatti Italianos que conservam no coração a fé enraizada Mas italianos conhecidos são Artuzo e Brunialtti

Temos pelos quatro cantos italianos como os Beltrame Com suas lavouras fábricas e pontos comerciais Se mesclando também com os Comune Além dos Fávero com saudosas lembranças demais

Como é saudoso recordar dos Andretta Dos Jacomassi do Ortoloni do Guarini E também italianos da gema se tratam dos Caixeta E fechando a listagem os Righete e os Beghini

É tão bom a gente recordar Da estimada estirpe italiana em nossa cidade Não só recordar mas também reverenciar Daqueles que quando chegaram encontraram [a prosperidade

NOTA: Os sobrenomes de italianos que chegaram em Monte Sião, foram encontrados nas páginas de aniversariantes publicados no Jornal Monte Sião em suas edições. Com certeza outros tantos nomes também fazem parte daqueles destemidos imigrantes, que ao deixar sua Itália, a terra natal, vieram para o Brasil e foram se instalar em vários estados e tantas cidades, sendo que Monte Sião foi uma delas. Que todos os descendentes de italianos se sintam homenageados e lembrando dos seus queridos antepassados, que tanto lutaram para nos legar a honradez e a educação. Em outras edições encontramos também: Schiavon, Lazarinni, Nicioli, Giglio, Milan, Pieroni, Caporalli, Dematê, Brunelli.

Arlindo Bellini

ANESTESIA À MEDIOCRIDADE

DANILO ZUCATO ROBERT

Segundo a Biblioteca Virtual em Saúde, do Ministério da Saúde, a anestesia é o estado de total ausência de dor durante uma operação, um exame diagnóstico, um curativo. Ela pode ser geral, isto é, para o corpo todo; ou parcial, também chamada regional, quando apenas uma região do corpo é anestesiada. A palavra "anestesia" tem sua origem etimológica no grego antigo. É formada pela junção de "an-" (que significa "sem" ou "não") e "aisthesis" (que se traduz como "sensação" ou "percepção"). Portanto, "anestesia" literalmente significa "sem sensação" ou "sem percepção".

Nossa sociedade está anestesiada à mediocridade de serviços e produtos que são ofertados à ela, em âmbito geral. Isso quer dizer que estamos sedados à dor ou sensação incômoda que deveríamos ter quando experienciamos serviços ou produtos de qualidade 'média' ou medíocre, ou ainda sem qualidade alguma. Tal povo está anestesiado, e não cego ou inconsciente, pois na anestesia parcial, não há o estado de inconsciência, assim como aqui não há a ignorância da mediocridade material e contratual oferecida. Até mesmo na anestesia geral, que provoca inconsciência temporária, espera-se que após certo tempo, a pessoa sedada retorne à sobriedade. Assim também é esperado de uma nação sedada, que em algum momento recobre a consciência qualitativa de sua economia cotidiana.

O entorpecimento qualitativo do serviço em suma está ligado à população de menor poder aquisitivo. Quando não há médio ou alto poder aquisitivo material e servicial, há incapacidade de escolha. A falta de capital acarreta na falta de opção. A falta de opção acarreta na incapacidade de ruptura contratual. Por contrato entendem-se compras de serviços ou

produtos. Tal incapacidade de ruptura incentiva que o ciclo econômico permaneça igual. Não é possível romper com o contrato medíocre, pois se o pobre não compra este produto que cabe em seu orçamento, ele não compra. Caso um vendedor seja o que tem os serviços e produtos mais baratos perante concorrentes, ele prevalece. Em um país no qual 60% das pessoas com carteira de trabalho assinada ganham até um salário mínimo (IBGE, 2023), há uma tendência em se buscar o mais barato e rápido. Assim, percebe-se o prevaletimento deste ciclo econômico medíocre.

Há uma classe especial de produtos e serviços mais baratos, que é o serviço público, que apesar de exposto como gratuito, é pago nos diversos impostos do país. Dois serviços dentro desta classe especial se evidenciam, a educação e a saúde. Estas duas ofertas gratuitas são das mais populares do país, juntamente de obras de infraestrutura e segurança pública. Na saúde pública, erroneamente chamada de gratuita, é onde o problema da mediocridade acarretada pela falta de opção é mais diretamente evidente.

Sabemos que há algumas boas opções públicas de saúde no Brasil, mas é de ciência geral que o sistema deixa muito a desejar. Uma pesquisa realizada e divulgada em 2018, pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), demonstrou que 89% da população brasileira classifica a saúde pública ou privada como péssima, ruim ou regular. Segundo Lana Magalhães, em "Saúde Pública no Brasil", (todamatéria.com.br), 75% da população depende apenas do SUS. A falta de poder de escolha desta alta porcentagem de pessoas acarreta em uma coerção a aceitação da mediocridade da saúde pública brasileira. Estas pessoas sequer podem procurar outro estabelecimento de saúde para usufruir de tais serviços, pois para elas financeiramente não há segunda

opção. Elas estão presas a uma condição, e muitas vezes presas há tanto tempo que normalizaram tal condição como parte de suas existências.

Se um governo propõe oferecer serviço público à sua população, ele deve ser um serviço de qualidade. A falta de qualidade dos serviços públicos de saúde estão diretamente ligadas à majoração do baixo poder de compra da população brasileira, à corrupção do sistema e também à falta de empatia e de medo. Este último vem do fato de ainda haver cargos públicos cuja admissão é via concurso, no qual o trabalhador admitido tem a garantia de sua permanência, caso consiga a vaga. O concursado não pode ser demitido sem justa causa. Serviço medíocre não está incluso no conceito de demissão por justa causa. Isso garante o emprego do servidor público medíocre, que continua 'oferecendo' seu serviço sem medo. Não podemos dizer que todos os concursados da Saúde são assim, mas que muitos o são. Pela falta de medo supracitada, e também pela "idolação ao eu antes do outro", aparece a falta de empatia.

Nossa sociedade é hedonista, super-materialista e essencialmente teleológica. Ela é hedonista no sentido de a todo momento estar procurando satisfazer-se, para afastar o incômodo do sofrimento natural (fome, sono, sede), mas também o tédio pela ausência de estímulos. Ela procura satisfação externa, como alimento e sexo, mas também interna, como autopertencimento e autoafirmação. Esta segunda característica é principalmente encontrada nas redes sociais. Para satisfazer o hedonismo externo e interno, ela procura no material sua resposta. A conquista de um moderno carro a fará feliz. Quando ela o tem, a execução de uma viagem a fará feliz. Quando ela voltou da viagem, um celular com melhores câmeras teriam tirado melhores fotos, o que

a faria mais feliz. Quando ela está nas redes sociais com o novo celular, ela encontra pessoas ideais, felizes e em lugares perfeitos, ela gostaria de ser tão feliz como elas: eis um ciclo infinito.

O hedonismo super-materialista acarreta em uma sociedade teleológica, sempre buscando o fim, e não se preocupando com o meio, nem com o início. A falta de empatia surge aqui. A empatia é basicamente a habilidade de se colocar no lugar do outro. Quando se vive na sociedade da exaltação do eu hedonista-materialista, o prazer externo e interno são o fim, e portanto, o *telos*, daí a sociedade teleológica. Neste caso, não importa como, nem por meio de quem, mas sim se eu atinge o meu fim. Este ponto final explica por que há falta de empatia por profissionais (não só) de saúde no que se refere a oferecer e executar um serviço de saúde pública de qualidade. O profissional não pode ser demitido sem justa causa, um serviço medíocre não é justa causa, assim ele tem a garantia de seu salário, sendo então, o que importa, o fim (a garantia do dinheiro), e não o meio (o serviço). Isso provoca o egoísmo e a indiferença.

Para além de quem presta o serviço, quem o recebe também apresenta essência teleológica. O fim é o serviço executado ou o produto comprado, e não o meio, que é a qualidade do serviço ou do produto. Se está feito ou comprado, está bom, pois satisfaz a necessidade daquele momento. A cada momento que satisfazemos nossas necessidades contratuais (compra de serviço ou produto), nos auto-anestesiados, pois nos satisfazemos. O auto-anestesiamento provoca a continuidade e o prevaletimento de serviços medíocres. É por isso que produtos caros são experiências e produtos baratos ou gratuitos são necessidades, pelo poder que o público-alvo tem de escolher comprar ou não comprar.

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

CAIRÁ SOBRE VÓS TODO O SANGUE DOS JUSTOS

MATHEUS ZUCATO

A pequena vila de Qavu'a nunca pensou receber a comitiva de um único rei. Viviam os primeiros períodos de estabilidade antes do domínio subanita na região. Era época em que os dois reinos vizinhos prosperavam

na mútua não-agressão, ainda que não houvesse paz declarada. Os anciãos extraem dos Grandes Textos a história de Hattaá e de seu irmão Tsadik, filhos muito próximos de um dos fundadores sem honra de Quavu'a. Ainda a história do homem está para ser descoberta, mas o fragmento

que se tem conhecimento é que peregrinara até o antigo assentamento segrobita, desabitado talvez antes mesmo do Dilúvio, e que ali estabeleceu, com outros expatriados, o novo assentamento de Qavu'a, onde sua esposa de sangue ganhou o mundo Hattaá, primogênito varão que mais tarde veio a encontrar habilidades para a culinária, a medicina e a astrologia antiga. Talentos das ciências, portanto. Apenas um ano mais tarde a mãe trouxe de festiva perpetuação o segundo filho, Tsadik, que não apenas consolidava-a como mãe que vingava, mas fortalecia a linhagem em caso de morte do primeiro. Tsadik, sob as sombras da científica vocação do irmão, seguiu o pai nas discretas artes de ferreiro.

É contado que naqueles dias dois reis se encontrariam para oficializar o tal acordo de paz, ainda que as duas cortes pusessem todas as ressalvas quanto ao encontro, tratando-o como armadilha ou mesmo invasão, a depender de qual lado se ouvia os comentários. Escolheram de encontro a pequenina Qavu'a, vila mais próxima da fronteira e que não oferecia estrutura o bastante para tornar o tal encontro uma cilada ao rei visitante, que tinha por alcunha "Dente Negro". Os poucos habitantes da vila se dividiram entre o fascínio e o horror perante tal acontecimento, pois não tinham o necessário para eles próprios, quem diria a grandeza de abrigar dois reis rivais.

Súditos nada podem escolher, senão servir. O Rei local, um homem bom, conhecido como "O Justo", já há muito na estrada pavimentada, chegava dentro de apenas algumas semanas. Logo depois viria o rei rival. Um dos líderes da vila, justamente o pai dos dois irmãos, ficou encarregado pelo povo de portar as homenagens dos súditos ao seu Rei, e naquele povoado que até então nada tinha de especial, em unanimidade de livramento de obrigação, decidiram que os dois irmãos da linhagem do Fundador eram os mais aptos a encarar tamanha responsabilidade. O pai declarou que fazia daquilo o acontecimento dos tempos, que os filhos mostrassem para todos a maioria de que já lhes firmava no rosto os pelos, e fizessem da passagem diplomática do Rei em Qavu'a um evento memorável não apenas aos servos, mas também aos senhores.

Fizeram então os preparativos. Tsadik passou a trabalhar durante dias sem descanso numa única peça de arma. Mandou trazer pedras e outros adornos, e preparou a obra com magia. Por outro lado, Hattaá e seus ajudantes começaram a armazenar o quanto puderam alimentos e bebidas; exauriram mesmo a vila e redondezas, os gastos foram muitos, mas vinham a mando do Rei. O mensageiro bem esclareceu, "ao Rei não se poupam moedas. Façam por via de Nosso nome." Quis realizar obra que reunisse todo o seu saber, a fim de obter o brilho dos olhos Reais e, por conseguinte, do povo. Os

dias passavam e os homens terminavam os últimos detalhes.

Foi chegada a Comitiva Real e belas foram as cerimônias de boas-vindas. O Justo passava oficialmente a efetivar missão diplomática; mandou ficarem alertas os batedores às fronteiras da vila, e que um mensageiro fosse de encontro ao rei rival avisar que o Soberano da Nação já o esperava. Na segunda noite do Rei em Qavu'a, os homens realizaram as oferendas.

Hattaá, de barba trançada, ofereceu ao Rei e comitiva um incrível banquete feito sob as estrelas. Guardadas as proporções, O Justo disse ter ficado impressionado que uma vila tão singela como aquela pudesse oferecer tamanhas delícias. Beberam e comeram o que melhor o solo de Qavu'a podia oferecer, visto que naquele tempo ainda não se matava para consumo. Hattaá ocupou lugar de destaque na ponta da mesa do Rei, ao lado de seu pai. Ao fim do banquete, o líder Fundador requisitou a presença do segundo filho e sua oferta, e Tsadik entrou na grande tenda de linho com uma peça enrolada em couro. Ajoelhou-se diante do Soberano, conforme o pai o advertira, e com as mãos em forma de oferenda retirou da bainha a linda adaga de metal esverdeado, que num fascínio roubou as vozes dos convidados. Lindas pedrinhas azuis adornavam o cabo de ferro e couro lilás. Tsadik pediu licença e obséquio ao Justo para que tirasse da arma a prova do fio. Que testasse a ama feita para matar até gigantes. O Rei, que estava sentado, se levantou e aceitou a oferenda, declarando que nunca havia existido adaga mais bela em todo o mundo e em todos os tempos. Sua mão acolheu a arma como a um antigo amigo, e ele se satisfez. Trouxeram do rebanho daquele ano o que primeiro nasceu, e o Rei separou do animal a sua cabeça. Ofereceram o sacrifício aos deuses em rogo da paz. Seus olhos fulguraram fascínio, e ele pronunciou um agradecimento: "(...) e me surpreendeu o acolhimento dos fiéis de Qavu'a, aos quais serei para sempre grato." Dentre os convidados algum ébrio não suportou a disputa secreta e falou, "por qual [das oferendas] suspira o coração de vossa Grandeza?", e o Rei, depois dentro de um relâmpago, respondeu, "(...) pois da fugacidade da satisfação do corpo não podemos nos esquecer. As plantas e as sementes, bem como um sacrifício, são de tal existência finita; e o que fazem em nós é lembrar-nos do sentimento da saciedade física; enquanto que do imutável estado de rigidez de uma peça como esta que tenho em mãos, não se tira proveito de uma descontinuidade, e assim se faz diante de nós o signo da alma eterna. (...) ainda que tragam, as duas, extrema satisfação ao Senhor da Nação, a oferta bélica põe sob aviso, em ferro frio, o estranho que se aproxima destes solos sagrados, precavendo-o de que somente um grande Rei de um poderoso

so Reino possui tal peça sedutora de ferreiro; enquanto que um farto banquete, se por um pé extasia o incômodo vazio do estômago, pelo outro dá a possibilidade de um entendimento de cálidas boas-vindas ao que é rival dos anfitriões." Sendo assim, Hattaá retirou-se da tenda, de cabeça baixa. Caminhou pelos campos desta forma. O seu pai, tendo percebido aquilo, o precaveu, dizendo, "porque te retiraste das festividades? Aja bem, levanta a cabeça. O mal está à espreita, a ponto de avançar sobre nós."

No dia seguinte, amanheceu o vilarejo em dor. Morreu Tsadik nos campos próximos ao local onde os reis fariam o encontro neutro. Na vila o pai gritava ódio contra os rivais, que era obra deles, que o encontro diplomático era falso, e O Justo tinha por dever dar-lhe vingança. Os moradores da vila se digladiavam entre os que queriam o início da guerra e os que pediam cautela; que arrumassem primeiro prova ou testemunho da afronta rival. E aí, durante a refeição do meio-dia, um dos batedores do Rei veio dizer que Hattaá, filho do anfitrião, maquinava começar guerra para descarregar dos ombros a própria culpa; disse que o rapaz não entendia as consequências do ato que havia praticado. Mandaram-no prosseguir com o testemunho e ele relatou que estava de tocaia naquele local durante a noite anterior, quando viu os dois irmãos se achegarem, e, antes de revelar sua presença, deuse conta de que o mais velho assassinava o mais novo com a adaga mágica do Rei. O Rei imediatamente mandou trazer o baú no qual depositou a oferenda de Tsadik, e constatou que ele estava vazio. Os homens caíram imediatamente sobre o irmão e o aprisionaram.

Marcaram julgamento para o mesmo dia, visto que a qualquer momento chegava o Dente Negro àquela vila. O pai dos rapazes, em profunda tristeza e indignação, não quis tomar parte, sendo impossível condenar um filho enquanto lamentava [sofria o luto] o outro. Os anciãos ensinam o que os Textos continuam: na tarde daquele rápido julgamento, o Rei perguntou a Hattaá, "Que foi que fizeste? As setas apontam para ti. Revelas quem matou teu irmão.", e o homem se limitou a dizer "Teu batedor inventa histórias; na noite das festas, quando caiu a morte inimiga sobre meu irmão, por acaso eu era seu guarda, ao invés de festejar na tenda do Justo?", e o relato conta que do solo gritou a voz de Tsadik, como numa dor terrível de quem perde um irmão. A vila silenciou-se em horror. Disse o Rei, exaltado: "o sangue do teu irmão clama do solo para mim. Condeno-te". Assim, se declarou culpado o mais velho. Num último ato de desespero, porém, sob o medo da morte, pediu que mostrassem a prova de sua transgressão: pediu a adaga do Rei; defendeu-se com o exercício de que, se a arma não jazia aos arredores do morto quando este fora encontrado, nem

dentro do baú Soberano, que certamente devia estar na posse daquele a quem acusavam. E se a encontrassem em sua posse, era símbolo de confessar o assassinato. Que vasculhassem os rastros da adaga até ele. Sem isso, era sua palavra contra a do batedor vassalo do Rei. Vasculharam todos os pertences de Hattaá e os arredores da vila, porém nada encontraram. O homem sabia que era defesa infalível, pois havia visto a adaga desaparecer [desvanecer] para lugar nenhum, após o assassinio. E não se encontrou adaga. Então se declarou livre o mais velho, enquanto enterrou-se, ao entardecer, o mais novo, num monte próximo. No dia seguinte, seria declarada a guerra contra Dente Negro pelo assassinato de um jovem do Reino Sagrado. E o pai se abrandou.

Terminam os capítulos dessa passagem dos Grandes Textos a contar que quando o sol se pôs no horizonte do outro dia, era o tempo de se estabelecer por escrito a guerra entre os reinos, ou então a justiça pela afronta, segundo o castigo de sangue. Não dormava, o Dente Negro. Sob pequena tenda ornamentada estava o Justo e Seus conselheiros, mais dois convidados de honra, os membros da família do vitimado, portadores do direito de vingança. Um batedor do rival chegava para inspecionar possibilidade de arapuca. Foi-se, satisfeito. E neste entretempo os conselheiros suavam frio por saberem das calamidades da guerra iminente. O Rei estava decidido: confissão, julgamento, rendição e paz; ou guerra.

Aí ocorreu de, sob os ventos cortantes daquele país, emergir do solo a uma mão humana portando uma adaga. A adaga do Rei. Os soldados escavaram o mais depressa possível o corpo restante, e vislumbraram o cambaleante Tsadik, com o corpo a ser consumido vivo por vermes pendurados na carne. Houve os que debandaram, houve os que desmaiaram. O Rei, o pai e Hattaá, no entanto, ficaram para ver a figura de Tsadik apontar a arma para o irmão e dizer, "Ainda que ninguém tenha questionado o seu efeito, esta é uma adaga mágica, como bem vos disse. Forjei-a com os arcos das nuvens, e ela não pode matar os justos; por isso a forjei especificamente para o Rei, que é bom. Ocorreu-me morrer e ser enterrado, pois meu coração estava envenenado pelo orgulho depois de obter do Rei o brilho dos olhos; no entanto, na noite em que saí andar com o irmão, percebi em seu semblante o quanto minha vitória significava sua derrota, e meu coração se tornou bom e penitente, um antídoto contra o que o dominara. Vejam como, ainda que ele tenha me matado, não morri, graças ao efeito intrincado nos metais da arma. Desta forma sobrevivo ao fratricídio, ainda que eu tenha perdido um irmão, e meu pai, um filho."

Eis o destino de Hattaá. Dentre as árvores da floresta surgia a efigie do triunfante e longínquo reinado do subanita Dente Negro.

EFÊMERO

JAIME GOTTARDELLO

Leo e Isadora pareciam dois passarinhos empoleirados lado a lado num galho de árvore. Ela pediu que ele se aproximasse mais. Ele queria que ela dançasse para ele debaixo da grande lua cheia, onde poderiam sonhar na mesma sintonia ingênua de crianças dormindo. Era o momento de serena intimidade e inocência.

E ela então dançou. Sob a imensa claridade daquela que parecia uma plantação de luas, ele lhe confessou estar apaixonado. Ela pensou que nenhuma mentira viria daquele momento mágico. Sabia que era verdadeiro e autêntico.

A lua já seguia alta e Isadora ainda dançava, rodopiava e ria. Leo, como que paralisado, apenas desejava que aquele momento ficasse congelado, eternizado em suas mais belas memórias.

A lua, no breve encontro de cada manhã com o sol, antes de se retirar, parecia refletir e apreciar a profunda beleza daquele instante. Se afastou dando lugar ao dia que nascia, mas com a esperança de reencontrar na próxima noite a mesma alegria e pureza daqueles instantes.

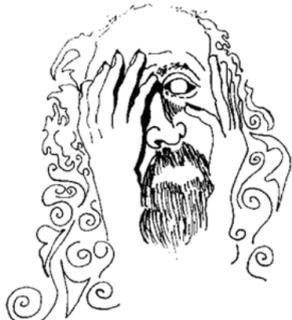
A transição suave e contínua entre os ciclos da natureza despertou nos amantes a consciência do efêmero e renovação. Abraçados e observando a lenta troca de mais um ciclo da noite terminando e uma nova claridade recomeçando, juraram que todo ciclo dali em diante seria passageiro, mas com a certeza de recomeço a cada dia.

E assim foi. Como dois passarinhos no mesmo galho, colheram muitas luas ao longo da vida e saudaram cada nascer de um novo dia como naquela primeira vez em que viram juntos uma plantação de luas.

IDADES

não só vários

difusos concisos contrários



mas o tempo tornou-me único

lúcido sábio otário

Kuaia

L. A. GENGHINI

Nascida Hilda Lúcia Grossi, a caçula de sete irmãos, Celso, Hildo, Júlia, Irineu, Isabel, Carlos e Hilda, filhos do Casal Amábilis e Ciro Grossi, ele oriundo de Monte Colombo, Rimini, Emiglia Romagna, Itália, imigrante ao Brasil no mesmo navio que os Magioli e os Genghini, em 1896, via Rio de Janeiro e Juiz de Fora, MG.

Hilda, foi minha colega de escola durante todo o primário e sempre me acolheu com sua amizade, desde o início, quando eu era apenas "um menino da roça que veio lá da Batinguinha" se aventurando pelas salas de aula da cidade.

O tempo se encarregou para que cada um de nós seguisse seus caminhos e, sem

que nada fosse combinado, ambos nos tornamos professores, eu pelas faculdades de São Paulo e a Hilda fazendo carreira na rede de ensino de Monte Sião, ajudando na construção de vidas e na mudança de destinos.

Sempre fiel às suas crenças, a Hilda nunca deixou uma oportunidade que fosse de interagir e de ajudar ao próximo.

Como o Ciro, seu pai, tinha o famoso Bar do Ciro, na Rua Direita, viu por lá acontecer e passar muitas histórias e cenas pitorescas da cidade, sendo que nunca se esqueceu do poeta ébrio, enamorado da lua, Dito Pereira. Ao ficar sabendo que a sepultura dele seria desativada, juntou-se aos familiares e amigos para conseguir os recursos destinados à compra e instalação

do jazigo perpétuo do eterno poeta das ruas de Monte Sião, o maior admirador do farmacêutico e político da cidade, Sr. Mário Zucato. Graças aos esforços da Hilda e de sua família, quem quiser conferir é só ir visitar o Campo Santo e deixar um verso em forma de oração ao véio Dito Pereira.

Em 2008, estando a Hilda em contato com outras colegas do grupo escolar (Turma 1960-1963), resolveram comemorar os 45 anos de formatura do primário, instituindo e promovendo o encontro anual dos ex-alunos com a D. Ivanir, que deveria coincidir, o mais próximo possível, com a data de aniversário da professora.

Na turma há uma colega, a Inês, que por motivos particulares, deixou de assistir ao último mês de aulas do

quarto ano, tendo, equivocadamente, sido considerada desistente. No entanto, quarenta e cinco anos depois, a professora Hilda vasculhou os arquivos antigos e verificou que a Inês tinha créditos em presenças e notas suficientes para que recebesse o certificado de conclusão do curso primário. Logo, adotou os procedimentos cabíveis, articulou o necessário, e o DIPLOMA foi entregue à Inês, 45 anos depois, no primeiro encontro da turma de D. Ivanir. Aliás, a Inês era das alunas mais brilhantes, dona de invejável inteligência, e, mesmo sem ter continuado os estudos formais, tornou-se uma pessoa admirável!

Lá pelas tantas da vida os caminhos da Hilda cruzaram-se com os de Jairo Pascoal, moço de educação

refinada, versado na área do bem-servir, devido à experiência adquirida em hotéis, restaurantes e bares de São Paulo, Águas de Lindóia e Monte Sião, tendo, também, habilidades em marcenaria. Formaram um casal amoroso e equilibrado, se completavam em tudo o que faziam e sempre se desincumbiam das missões com o resultado "muito bem feito, com muito amor e carinho!"

Em 2019, pouco antes da pandemia, tivemos a honra de receber o casal Hilda e Jairo em nosso sítio para uma noite de comes, bebes e prosas...E não é que o Jairo nos fez surpresas? Sim. Trouxe, de sua lavra, um comedouro para passarinhos e um abajur na forma de castelinho de madeira para presentear minha neta Helena, que che-

garia em fevereiro de 2020.

Num determinado momento da sua existência, sacudida por um diagnóstico desfavorável, a Hilda reorganizou sua vida, aprofundou a espiritualidade, cuidou-se e não deixou de fazer e de participar do que gostava, nunca!

Hoje em dia, depois de ter cumprido sua MISSÃO terrena, certamente continua a recepcionar aqueles que chegam ao infinito, sempre com as mãos acolhedoras, o olhar sincero e suas palavras meigas, até quando fica brava!

Querida amiga Hilda, a menina da cidade que soube acolher e ser gentil com o menino da roça, onde você estiver, que seja sempre abençoada e que continue olhando por nós!

Dá uma saudade...!

HILDA

EU E MEU IRMÃO NA FESTA DE BARRETOS

ROMILDO LABIGALINI

Todos os anos, em agosto, eu ia à Festa do Peão de Barretos. Em 1988 eu e meus amigos Beto Canela, Benê da Cecil e meus irmãos Tadeu, Luiz e Ronaldo alugamos uma casa no centro de Barretos. O recinto ficava 15 km do centro da cidade.

Eu e meu irmão Ronaldo saímos na sexta feira, pois eu queria assistir o show de João Mineiro e Marciano de quem eu era fã e naquele ano gravaram a música "Ainda ontem chorei de saudade", de Moacir Franco, e estava fazendo muito sucesso.

Os demais companheiros iriam no sábado para assistirem ao final do rodeio.

Chegamos em Barretos e fomos a um supermercado comprar algumas coisas para um petisco à tarde: cervejas, azeitonas, bolachas. Na hora do almoço resolvemos comer em algum restaurante no camping ao lado do recinto.

Quando chegamos encontramos com outros amigos de Monte Sião, acampados lá, fazendo churrasco numa tenda improvisada com uma lona de caminhão e nos convidaram para ficar com eles. Estavam comendo churrasco e tomando cerveja com

"steinhaeger". Essa bebida derruba qualquer peão. Eu saboreava o churrasco e tomava somente cerveja, mas meu irmão Ronaldo tomava as duas bebidas. Eu o aconselhava a tomar somente cerveja, mas ele me respondeu que estava tomando só um pouquinho da "derrubadeira". Quando terminamos de comer ele já estava "pra lá de Bagdá". Fomos caminhar um pouco, mas o "vento" estava muito forte e ele cambaleava. Como ele é mais alto do que eu, eu o segurava pela cintura e ele se apoiava em meu ombro.

No camping havia muitos banheiros com chuveiros e eu lhe disse para

tomar um banho que iria melhorar.

Entramos, tirei suas roupas e o coloquei no chuveiro, e depois de meia hora, como não tínhamos toalha, o vesti e perguntei: melhorou, Ronaldo? Ele respondeu que não. Resolvemos entrar no recinto por uma portaria do camping e Ronaldo quis se deitar numa sombra com grama atrás de um quiosque. Eu fiquei zanzando e a cada meia hora ia vê-lo e fazia a mesma pergunta; e ele respondia negativamente.

Eu torcia para que ele sarasse logo, pois queria assistir ao show à noite. Às cinco da tarde resolvemos

ir para casa e quando estávamos saindo, eu ainda o segurando pela cintura, deparamos com um "beudo" que estava entrando. Ronaldo parou na frente dele e disse: "companheiro você bebeu demais, já está cambaleando". Um dando conselho pro outro. Coloquei-o no carro e ele foi vomitando todo trajeto. Chegamos na cidade e o levei até uma farmácia para tomar uma injeção de glicose na veia.

O farmacêutico me disse que ele iria melhorar rapidamente. Chegamos em casa e o coloquei na cama e ele já dormiu. Fiquei na sala assistindo tv e a cada meia hora ia vê-lo e estava

dormindo. A noite chegou e ele dormindo. Eu já estava desistindo do show, e as horas passando. Eu estava com fome e não havia nenhuma lanchonete próxima. Meu jantar foi: azeitonas, bolachas e cervejas.

Ronaldo acordou somente de manhã. Levantei mais cedo do que ele e preparei o café. Quando ele apareceu na cozinha, com os olhos vermelhos e se espreguiçando, eu cantei para ele: "Ainda ontem chorei de saudade" e rimos muito da "esbornia" dele no dia anterior.

Do João Mineiro e Marciano ficou somente a saudade.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

SOLO DE FLAUTA

ILSON JOÃO MARIANO SILVA

O "Oxalá fosse a minha vida como a flauta: reta, simples, cheia de música..." e de mistérios!

Ninguém deu ouvidos àquilo que por si só parecia uma insinuação, um sinal dos tempos, um aviso. Não se deu trela ao que a natureza avisava estar por vir. Não bastou que os poetas, profetas, músicos, crianças terem dado um alerta a respeito do que os homens vinham fazendo ao nosso mundo, aos animais, às aves, florestas, rios e a si mesmos. Mas quem segura a vontade do povo, a ânsia de satisfazer um desejo que é bom só para si mesmo? E assim fazendo, já não se levava em conta o fato de se prejudicar alguém quando se está pro-

curando satisfazer desejo próprio; esqueceu-se que "amai-vos uns aos outros" é o maior dos mandamentos; por isso, o egoísmo do bem-estar exclusivo virou moda e todos o aceitaram como verdade absoluta. Naquele tempo era assim.

Um dia então acordei com insinuações poéticas/musicais em meus ouvidos; acho que eram mais musicais que poéticas, muito embora poesia e música sejam tão parecidas que se pode cantá-las e soltá-las pro mundo que puxam talqualmente.

A insinuação era como um fundo musical ao meu dia a dia; em nada me atrapalhava, pelo contrário, me acalmava, aclarava meus pensamentos de forma apaixonante. A música que eu ouvia e que nunca consegui aprendê-la, era

algo difuso que - mal comparado - se assemelhava ao som que se ouve quando se coloca uma concha ao ouvido, só que o som era de flautas; um solo de flautas em uníssono a me fazer a corte. A essa música eu ouvia o dia todo sem que o som me incomodasse, pois ele inclusive me acalentava os sonhos. Eu então fui me acostumando com ele, me apaixonando, me deslumbrando feito bicho encantado por sucuri. O som havia me conquistado ainda que eu fosse como todos no mundo que aceitavam o desamor, o desrespeito, a falta de amizade, a vergonha de ser honesto, a falta de amor à natureza.

Com o tempo, passei a viver só ouvindo o som que me embalava a vida, totalmente enlevado por ele, sem mesmo intuir o

que era aquilo. Um dia, num relâmpago de lucidez, resolvi contar aos outros o que eu ouvia. Disse ao poeta, ao louco, ao músico, ao bêbado, à moça e à criança. Principalmente contei ao poeta cujo filho um dia acordou a tocar flauta; isso fiz porque os poetas é que acreditam nesses mistérios. Fiquei então sabendo que também ele, assim como todo mundo, ouvia o som que me enfeitava. Sabendo que não só eu escutava a tal insinuação musical, pois ela havia se generalizado, continuei ouvindo tal feitiço como nunca.

Com o tempo, da música fez-se o verbo que nos arrebatou, conquistou a todos, nos convidando a viajar até à praia, ao litoral. Nós todos os humanos comparecemos ao chama-

do que a música insinuante nos fez, e estando à beira-mar, tal qual aconteceu na estória do "flautista de Hamlim", todos nós precipitamos mar adentro; atraídos pelo som da flauta fomos levados às profundezas do oceano. Não sobrou ninguém.

Consumado o fato, a natureza com suas matas, florestas, rios, animais, aves peixes, eles todos aplaudiram o dia em que o bicho-fera foi banido do mundo, que só não era um paraíso por causa de sua presença.

Com o passar do tempo, e sem a presença do bicho-fera, a terra novamente paradisou e passou a chamar-se Éden. Como tudo que é bom dura pouco, quando no Éden só existiam maravilhas, de novo inventaram de criar... o ho-

mem... a mulher... e assim, no Éden engravidado pelos humanos começou-se a repetir a estória que todos conhecemos.

Ultimamente, após saber que a droga tomou conta do mundo e não há como debelá-la; que em nome dela há pais matando filhos e vice-versa; que o Tio Sam se intitulou xerife do mundo e por isso pode mandar em todos a poder da força bruta, ando desconfiado que alguma coisa destemperou a barrigada do mundo e a coisa andou a destrambelhar. Não sei não; mas me parece que de novo eu tenho ouvido uns sons de flautas querendo namorar as minhas ideias. Que mal lhe pergunte: - Você também não tem ouvido essas coisas, não?

A CASA

JOSÉ CARLOS GROSSI

A mãe inventou uma gata amarela, miado doce e folienta, arrastando o chinelo de corda e a sandália da Isabel, até que sumia na noite e só voltava para o café.

Um dia não era mais doce. Arranhava e rosnavava, subia no telhado e não

voltava.

A mãe e a caçula chamavam, só o irmão que não, que tinha medo de que seu pintassilgo virasse refeição.

O que não queriam aconteceu, pulou do telhado para o muro do vizinho e desapareceu.

Assim a mãe resolveu inventar um papagaio. Um poeta visionário. Doce,

de fala mansa e pausada, como se esperasse nos intervalos nosso aplauso pelas imagens incríveis e fantasiosas.

A mãe adorava mais Cantinflas do que a vizinha um colar de diamantes.

Por fim esqueceu-se da Mimi, a gata. Agora só tinha olhos e ouvidos para Cantinflas.

Um dia, portanto, descobri que a mãe sempre inventava um nhoque maravilhoso aos domingos depois da missa. E que no inverno inventava um chocolate quente numa caneca de alumínio que queimava os lábios de tão estupenda.

Alguns anos atrás reparei que a mãe já não inventava mais. Que tudo era vazio e sem graça. Que nem café havia na casa, na casa que já nem existia.

Hoje passo na calçada da inexistente casa e respiro fundo como se ainda pudesse sentir o aroma das rosas de Natal.

SINÉSIO MIGUÉ ENCONTRA SUA EGUINHA BAIA CAÍDA NO ASFALTO,

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

porque foi atropelada, bem na esquina do Bastião Pinto com Neo Carinta. Ninguém viu, foi por um motorista de não sabemos de onde, atropelou pela madrugada e deixou o animal ali, sofrendo dor. Juntou povo pela manhã, era mesmo a égua baia do Sinésio, conhecida amiga de todos, daí, juntou mais povo ainda. Dona Lourdes, a mãe, veio e chorou, outros vieram e choraram e choraram... a eguinha estava muito mal, bem ferida, com a barriga cortada, sangrando, quase podendo um ver seus órgãos internos, imagina só isso!... Nem se mexia. Veio o povo que lida com animais: Tante, Leizão, Tião tropeiro, gente do Elias Arve e deram o veredito: tinha de ser sacrificada, e foi, e foi com dó, muito dó se espalhou pelo povo um misto de agonia e

raiva; raiva, porque o animal seria jogado na barroca do Joaquim Bertina... Oh dó que dava mais ainda... Veio o tiro da garrucha do Cido Zamboim... depois de uma vida tão boa, de presteza, de serviço, de carinho com o povo da casa e da redondeza. Oh dó, ser agora jogada para os urubus, para os vermes. Não, não!... O Sinésio se revoltou muito, não, não queria esse fim. Então, que fim você daria a ela, meu ouvinte dessa estória? Me diga, vai! Também perguntava o Sinésio a todos. Mas lá do meio do povo, não sei quem, não me lembro direito, alguém disse... (acho que foi a Dona Laia... Isso, voz de mulher, foi sim a Dona Laia!...) Vamos distribuir a carne da Eguinha Baia pra todo mundo, tem muita gente aqui que gostaria de um pedaço de carne, hoje, ou que não come carne já um tempão..., ...isso mesmo, vamos fazer uma

feita pra BAIA e comemorar sua carne e sua presteza num banquete, sua última serventia, serventia de alimento do seu inteiro corpo..., antes dos abutres, dos vermes da terra... A eguinha no asfalto, já de feição faceira...

veio passando o andante Fubá, ganhou um pedaço, o andante Cuitelo também ganhou, agradeceu... agradeceram todos, que não se comia carne todo dia. O Dito tropeiro, lá do Magioli, pegou o couro e fez pelego; e laço; e relho que muito precisava. Os ossos, os ossos de farto tutano o Bastião Pir deixou secar, moeu e fez adubo, que adubou o chão, logo após veio chuva que choveu e carregou a essência da eguinha BAIA para a terra de raízes que as verduras ficaram bem verdes e as folhas das Castanheiras de Cantare ficaram, todas, mais verdes ainda...

e agradecemos, agradecemos de muito agradecidos, todos nós!

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagim Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memorian), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br



**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG



Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Janeiro de 2024

Nº 619

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Fevereiro de 2024

Dia 01 Irma Rieli Guarini Noel Elias Alves	Dia 16 Eliana Maciel Odair Gloria
Dia 02 Juliana Celi Araújo João Henrique C. Bueno	Dia 17 Alexandre Labegalini Dia 18 Marília Roberta S. Antônio
Dia 03 Luiz Fernando Odino Maria Cláudia O. Gomes	Dia 19 Lucas Zucato Lopes Ellen Tissiana Alves
Dia 04 Renan Barbosa Ferraz Bruna Fernandes Freire	Dia 20 Bárbara Monteiro da Costa Andréia Monteiro Reginato
Dia 05 Ernani Borges de Queiros Tamara Monteiro Nilsa Taveira	Dia 21 Maria Elisa de Lima Ricardo Castro Ribeiro
Dia 06 Labegalini Dia 04 B. Ione Guireli Zanella	Dia 22 Momokishi Izumi Dia 20 Franciele Inácio
Dia 07 Nilza Silvério Dia 06 Ivanir de Cássia Zucato	Dia 23 José de Paula Domingues Maria A. Beghini Domingues
Dia 08 Maria Aparecida de Jesus Dia 08 Juliana Cristina Simões	Dia 24 Vanessa Momesso Gabriela Fonseca Verônica Daldosso
Dia 09 Gabriel Silva Monteiro Edson Luiz Valentim	Dia 25 Luciana Maria Ventura Lucas Arthur M. da Silva
Dia 10 Tatiana Silvério Souza Andréa L. de O. Azevedo	Dia 26 Priscila Regina de Oliveira Magali Genghini
Dia 11 Alexandre Felix Liliansa Caetano Monteiro	Dia 27 Benedito Hermínio R. Zucato
Dia 12 Andressa Campos Freire Dia 10 Adhemar Francisco Rejani	Dia 28 Lara Pieroni Tiago Bernardi Ruiz
Dia 13 Karen Cristina Francisco Maria Takahashi	Dia 29 Adilson Luiz dos Santos Maria Borges Gomes
Dia 14 Maria Aparecida Vieira Brasil Suzumi Izumi	Dia 30 Poliana Castro M. Cardoso
Dia 15 Dia 11 Ademir Rodrigues Zucato	Dia 31 Mônica Guireli Micheli Cássia Vitoriano
Dia 16 Lourdes Pereira Sueli de Lourdes Canela	Dia 01 Edson Luiz Volpini Ivone S. Fonseca Righete
Dia 17 Alana Augusto Faraco Luana Silvério Souza	Dia 02 Bruno Mariano Silva Cláudia Trindade Diniz
Dia 18 Edméia Comune Dia 13 Júlia de Fátima Artuzo	Dia 03 Amanda Comune de Barros Artur Ribeiro Neto
Dia 19 Adriana Delgado G. Pepe	Dia 04 José Luiz Bueno Adriano Godoi Faria
Dia 20 Dia 14 Mirella Mussi Campos	Dia 05 Suelen Teles da Cunha Marilyn P. C. Labegalini
Dia 21 Marcos Vinícius do Amaral Dia 15 Melissa Labegalini de Oliveira	Dia 06 Dia 28 José Augusto Domingues Dia 29 Fátima Aparecida Silva
Dia 22 Dayane Beatriz Araújo	

A todos, as felicitações da Redação!

NESTE 2024, O "JORNAL MONTE SIÃO" COMPLETA 66 ANOS DE INSPIRAÇÃO LITERÁRIA.

É com grande alegria que celebramos os 66 anos de nosso respeitado "Jornal Monte Sião". São impressionantes seis décadas e meia de existência, enchendo nossas mentes e corações com literatura e poesia todos os meses. Nosso jornal impresso já é, há muito tempo, verdadeira joia cultural, enriquecendo nossa comunidade com suas narrativas perspicazes e versos poéticos.

Nossos calorosos parabéns aos dedicados colaboradores que, ao longo dos anos, contribuíram para a excelência do "Jornal Monte Sião". Sua paixão pela escrita e compromisso com a qualidade textual moldaram este veículo como uma fonte inestimável de inspiração e boas histórias. Que essas seis décadas se transformem em um prelúdio para muitos mais anos de enriquecimento cultural. Feliz aniversário, "Jornal Monte Sião"!

DIRETORES, COORDENADORES PEDAGÓGICOS E PROFESSORES – DESAFIOS PARA A AGENDA 2024.

Já que nosso foco é cultura e, pensando de modo sistêmico, é muito importante para a cida-

de e a comunidade que todas as entidades que patrocinam e promovem a EDUCAÇÃO e a CULTURA possam trabalhar em parcerias, compartilhando seus resultados e potencializando os efeitos sociais positivos. Desse modo, colocamos as edições do "Monte Sião" à disposição de diretores, coordenadores pedagógicos e professores, desafiando-os a incluir o jornal "Monte Sião" e o acervo do Museu Histórico e Geográfico nas agendas das atividades escolares com o alunado. Nossos colaboradores colocam-se à disposição para colaborar na elaboração e implantação de projetos, oferecendo palestras, aulas, oficinas e assessorias. Pensem nisso! Procurem-nos. Os números anteriores do "Monte Sião" estão arquivados em PDF no site da FCPA. <https://fundacaopascoalandreta.com.br/jornal/>.

A AGENDA DA FCPA E OS PROJETOS PARA 2024!

No decorrer do ano de 2024 a FCPA – Fundação Cultural Pascoal Andreta, mantendo-se fiel à sua vocação e missão de se comprometer, produzir e divulgar Cultura, já tem previsto em

sua agenda os seguintes eventos: 22º Concurso "Fritz Teixeira de Salles" de poesias; 11º Concurso de Fotos "Carmo Teodoro Gonçalves"; impressão do jornal mensário "Monte Sião"; incentivo ao desenvolvimento da banda de música "Lira de Monte Sião"; edição e impressão de livros correlatos à história e cultura de Monte Sião; projeto Semeador de Livros; participação na 22ª Semana Nacional de Museus, a convite do IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus – Ministério da Cultura; catalogação de exposições sobre museus; apoio ao receptivo turístico e manutenção do acervo e das edificações, além de outros projetos que poderão ser incorporados ao longo do ano. Vem com a gente!

FESTIVAL DE MÚSICA SERTANEJA, EM JANEIRO NA PRAÇA

Realizou-se em janeiro, como parte das atividades de férias, o festival de música sertaneja, em prol do Lar São José, tendo contado com as apresentações de Henrique e João Paulo, Paula Mello e de Edvaldo e Jacqueline, pai e filha, o duo de Monte Sião, para todos os fãs da moda sertaneja.

Fragmentos - 32

ARIOVALDO GUIRELI

1 Foi educador, político, antropólogo e escritor brasileiro. Nasceu em Montes Claros/MG e faleceu em 1997 em Brasília/DF. Em 1946 formou-se em antropologia e decidiu estudar as comunidades indígenas do Brasil. Entre 1949 e 1951 trabalhou no Serviço de Proteção aos Índios. Foi diretor da fundação do Museu do Índio e participou da criação do parque indígena do Xingu. Articulador do ensino no Brasil e juntamente com seus amigos Anísio Teixeira e Fritz Teixeira de Salles fundaram a Universidade de Brasília (UNB). Sempre foi defensor da democratização do ensino público com qualidade para todos. Ocupou a Cadeira nº 11 da Academia Brasileira de Letras. Defendia a instituição da educação em tempo integral. Dizia que a escola em turnos é uma perversão brasileira, e que, enquanto num turno a escola educa a criança, no contra turno a tevé deseduca. "Sou um homem de causas. Vivi sempre pregando, lutando como um cruzado, pelas causas que comovem: a salvação dos índios, a escolarização das crianças... Na verdade, somei mais fracassos que vitórias em minhas lutas, mas isso não importa. Horrível seria ter ficado ao lado dos que venceram nessas batalhas" Foi relator da Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Um visionário? Nada disso. Um brasileiro consciente e abnegado. Jamais se furtou à luta em prol dos excluídos. Traduziu seu ideal para todos. Abraçou o povo brasileiro

sem slogans ou mentiras. Escrevo sobre Darcy Ribeiro.

2 - As escolas precisam ter pensamento crítico! Nunca houve produção e facilidade de acesso às informações como neste tempo. Para entender o mundo moderno é preciso ter habilidades e saber filtrar as informações que podem ser falsas ou até imprecisas. Se perguntassem: "O que você entende por espírito crítico?" O que responderia? Observe: Uma aula sobre ética relaciona as notícias com o que se está aprendendo para discernir verdades e/ou mentiras. Ao final você terá que elaborar um artigo sobre o assunto em pauta; o desafio é para ligar conteúdo ao documento, ao período histórico e comparar com o tempo atual.

3 - A bola subia, porém, ao chegar nele, parecia que se derretia e ficava amortecida em seus pés. Um elo, uma ligação empática que culminava numa jogada espetacular. O dribble dele no adversário era desconcertante. Tinha visão de espaço e tempo como poucos. Seu futebol não foi retratado nas telas e grandes jornais de sua época, sabe por quê? Ele jogava por amor a esta arte popular, que hoje manipulada, começa a desaparecer dos campos, notadamente do interior. Vários times das grandes capitais o quiseram. Ele não, ele queria dominar, acarinhar e fazer da arte de jogar futebol um espetáculo para quem o conheceu. Muitos campeonatos vencidos. O título de campeão

sul-mineiro em 1975 é sim seu troféu maior. Voltou tão cedo para a Casa do Pai, que muitos acham que Deus o convocou para o seu time. Estamos escrevendo sobre o fenômeno: Luizinho do Gabriél!

4 - "A política e a economia tendem a culpar-se reciprocamente a respeito da pobreza e da degradação ambiental. Mas o que se espera é que reconheçam os seus próprios erros e encontrem formas de interação orientadas para o bem comum. Enquanto uns se afanam apenas por conservar ou aumentar o poder, o que nos resta são guerras ou acordos espúrios, nos quais o que menos interessa às duas partes é preservar o meio ambiente e cuidar dos mais fracos. Vale aqui também o princípio de que "a unidade é superior ao conflito" (Papa Francisco – Laudato Si- sobre o cuidado das casa comum).

5 - Afinal estamos no início dos tempos, no meio ou no fim? Se existe até quem tenha saudade do futuro, penso que o tempo é infinito e tão belo quanto cego!

6 - Leia de Daniel Becker – O que é adolescência – Editora Brasiliense.

7 - Este fragmento foi acompanhado ao teclado por Sebastiana Alves Dorta, a menininha.

8 - Beijos gerais.

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulistas
TELESON TELECOM
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● Teste do Pezinho ampliado
● Credenciamento com os Laboratórios:
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário
Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180